

# O VÍRUS DA DESIGUALDADE E O MUNDO QUE NECESSITAMOS CONSTRUIR

A pandemia de COVID-19 produziu grandes e rápidas mudanças nas formas de nos relacionarmos, conviver e trabalhar. Ficou claro que não se trata, somente, de uma emergência sanitária e seus efeitos com a perda de centenas de milhares de vidas humanas. O que se desnudou foi uma crise de caráter civilizatório, que põe em questão os fundamentos do atual modelo econômico, político, social, cultural e ambiental.

Esta crise evidenciou a essência do capitalismo, sua necessidade de assegurar a acumulação de riqueza, de poder e controle político através da super-exploração do trabalho e da destruição da natureza. Nos revelou o quão entrelaçados estão o patriarcado, o racismo e o colonialismo, traduzidos em pobreza, desigualdade, misoginia, lesbofobia, homofobia, entre outros sintomas da busca implacável de dar continuidade a um tipo de desenvolvimento "sem fim", que consagra modos de vida inviáveis, não apenas para a humanidade como um todo, senão para a própria sobrevivência do planeta.

## **A pandemia afeta a todas as pessoas**

Mas não da mesma maneira. Deixou expostas as enormes desigualdades existentes no mundo, entre regiões, entre países, entre pessoas. A desigualdade que caracteriza e pesa sobre a América Latina e o Caribe se amplificou em tempos de pandemia. Seus efeitos são cruéis com os setores da população que sofrem historicamente exclusões e privações, com quem vive em condições precárias e se encontra em maior vulnerabilidade, com quem trabalha na informalidade, com quem, devido à idade, orientação sexual, identidade de gênero, origem étnica, vê suas possibilidades de reagir limitadas e seus direitos cada vez mais restritos.

Apesar do progressivo enfraquecimento dos Estados em promover os direitos sociais e coletivos, os efeitos da pandemia demonstraram que são fundamentais para enfrentar a crise e assegurar a prestação de serviços básicos e proteção social. No entanto, suas capacidades foram sobrecarregadas pela emergência sanitária e corroídas pela progressiva diminuição de seu papel regulador e pela redução dos orçamentos alocados à saúde pública, educação e emprego. Em muitos deles, a ausência de mecanismos eficazes de controle e prestação de contas expôs a ineficiência e a corrupção de políticos e empresários que subordinam os direitos das cidadanias às exigências do mercado.

A pandemia tem sido utilizada como pretexto para avançar em direção ao autoritarismo estatal, que em vários países da região já vinha se manifestando com repressões violentas e visões fundamentalistas e anti-direitos. A presença de policiais e militares nas ruas, como medidas biopolíticas que assegurem a prevenção contra o vírus, corre o risco de permanecer após a pandemia ser superada. Em vários países, são utilizados para reprimir movimentos e protestos sociais, restringindo os direitos humanos e expandindo mecanismos de controle sobre a população, sobretudo nos bairros populares e contra a população negra e empobrecida, no quadro de democracias já debilitadas.



## É muito fácil falar

A quarentena foi priorizada como uma das medidas mais eficazes para combater o vírus, mas "Fique em casa" tem um significado diferente para aqueles que não a têm, para aqueles que vivem em uma situação de superlotação ou não podem permanecer em casa porque o sustento da família depende da renda diária ganha na rua. "Lave as mãos" é muito fácil de dizer, mas tem um sentido diferente para aqueles que não têm água corrente, eletricidade ou outros serviços básicos e não podem acompanhar a educação a distância porque não têm computador, smartphone ou acesso à Internet.

É fácil dizer "Fique em casa". Mas as casas podem ser o local menos seguro para milhares de mulheres, meninas e meninos: a maioria de seus agressores está no entorno familiar. Alguns países viram duplicar os registros de violência doméstica e o número de feminicídios e violência sexual aumentarem de forma alarmante durante o confinamento.

Os insuficientes esforços feitos pelos Estados para enfrentar a violência de gênero, tornaram-se mais uma vez evidentes: os direitos das mulheres não são considerados prioritários para as autoridades em tempos de "normalidade", muito menos em tempos de pandemia.

A quarentena tem sido usada como pretexto para suspender os serviços de saúde sexual e reprodutiva, a atenção gineco-obstétrica ou o fornecimento de contracepção, e é quase impossível acessar o aborto, mesmo nos casos previstos em lei.

Setores fundamentalistas aproveitaram o contexto da crise sanitária para reiniciar os ataques contra a igualdade de gênero e impor visões conservadoras e contrárias aos direitos das mulheres e das diversidades sexuais não-hegemônicas. Há um aumento da vulnerabilidade das profissionais do sexo e das mulheres trans envolvidas no trabalho sexual.

Ao lado da violência simbólica, o contexto de medo do contágio tem sido o terreno fértil para exacerbar e ampliar discursos de ódio, reproduzir preconceitos e práticas discriminatórias contra pessoas e povos indígenas, afrodescendentes e as diversidades sexuais não-hegemônicas.

## Cuidando do trabalho. O trabalho do cuidado.

O mundo do trabalho está se reestruturando para manter o sistema intacto, consubstancialmente racista e patriarcal. No contexto de pandemia e confinamento, esta dinâmica se amplia e leva a uma exploração muito mais aguda do tempo de trabalho e das subjetividades da classe trabalhadora, em especial das mulheres, com suas extensas e intensas jornadas, muitas vezes simultâneas, entre trabalho "reprodutivo" e trabalho "produtivo".

As atividades do cuidado nunca pararam. Ficou demonstrado que o trabalho doméstico não remunerado sustenta o coração da vida cotidiana e tem um valor econômico que deveria ser medido e reconhecido. Esse trabalho recai injustamente sobre as mulheres, às quais historicamente foi imposta esta responsabilidade e que a realizam de forma



gratuita dentro de casa, ou remunerada, quando o fazem na casa de outras pessoas. As Trabalhadoras domésticas remuneradas, em geral expostas a formas já precárias de trabalho, no contexto da pandemia, estão sujeitas a práticas abusivas que vão desde a perda de seus empregos, até o confinamento nas casas dos/as empregadores/as com seus direitos laborais vulnerabilizados.

O trabalho comunitário das mulheres no fornecimento de alimentos, através das cozinhas populares, tem sido essencial para sustentar o confinamento e os efeitos da queda das economias, mas este trabalho não é reconhecido, ou valorizado como tal, pela via dos direitos.

Nesta crise, a importância absoluta do trabalho e, portanto, da classe trabalhadora, é mais evidente do que nunca, e a importância do trabalho doméstico se revela claramente.

### **De que “normalidade” estão falando?**

O discurso estatal quer nos levar a uma “nova normalidade”. Mas de que normalidade estão falando? É normal um sistema que prioriza o consumo e o lucro sobre as necessidades das pessoas? Que existam fortunas incalculáveis que não pagam impostos? É normal que centenas de milhares de pessoas vivam na miséria? É normal que as mulheres tenham menos direitos que os homens? Que a terra que habitamos seja tão espoliada que nem o ar que respiramos nem os alimentos que comemos sejam “normais”?

A crise atual se converte em uma oportunidade única para construir outro tipo de vida, outro tipo de Estado e de instituições. Implica uma disputa de sentidos sobre o mundo que queremos. Nos convida a confrontar o capitalismo heteropatriarcal, racista e colonial para criar novos imaginários coletivos.

Os movimentos sociais e - entre eles - o movimento feminista em sua pluralidade, em todos os continentes, denunciaram o processo de mercantilização da política, erodindo a perspectiva hegemônica que reduz a democracia aos processos eleitorais mas desconhece as outras múltiplas dimensões das relações sociais. O feminismo colocou a vida cotidiana como uma dimensão da democracia, como uma forma de organizar a vida social. Requer narrativas, ações e propostas, forjadas na pluralidade de práticas e a partir da experiência concreta da vida de todos e de todas, marcada por desigualdades de classe, de raça, de etnia, de sexo, de gênero. É necessário avançar em direção a uma democratização da democracia, que recupere seu sentido de justiça, igualdade e liberdade para todas as pessoas, e que coloque no centro da política a sustentabilidade da vida.

**Não queremos uma “nova normalidade” que mantenha as desigualdades e privilégios de sempre, com a máscara posta. Queremos políticas que promovam transformações capazes de gerar mudanças estruturais.**

Devemos pensar em um modelo que coloque as relações sociais e com a natureza em uma dimensão central; que promova mudanças consistentes nas políticas de redistri-



buição da riqueza e nas dinâmicas do consumo, que priorize o bem comum e não a acumulação, e que garanta a liberdade na vida sexual e reprodutiva como uma dimensão da cidadania. Um modelo em que o papel do cuidado que as mulheres "naturalmente" fazem, se converta no trabalho mais importante e necessário, e que o trabalho produtivo e reprodutivo seja realizado de forma compartilhada como uma prática social livre e plena de sentido. O cuidado se propõe como um direito universal, transversal e intercultural, e abre a possibilidade de recuperar noções como solidariedade, reciprocidade e interdependência entre os seres humanos e entre estes e a natureza, para reinventar as formas de viver, sonhar e preservar a vida.

**Como corrente feminista de pensamento e ação, afirmamos nossa determinação em avançar no fortalecimento e na luta do movimento de mulheres para transformar o mundo, o que requer urgentemente:**

- Universalização de sistemas corresponsáveis de cuidados
- Reconhecimento do trabalho não remunerado das mulheres e sua integração nas contas nacionais
- Renda básica universal
- Liberação de patentes para medicamentos
- Soberania alimentar e formas sustentáveis de produção e consumo
- Assegurar o direito dos povos a seus territórios
- Proteção e acesso aos bens comuns e preservação da natureza
- Garantia universal dos direitos econômicos, sociais, políticos e culturais
- Sistemas públicos de saúde, educação e seguridade social
- Erradicação de todas as formas de discriminação e violência contra as mulheres
- Erradicação do racismo
- Garantir o exercício pleno dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos.

**NOSSA VOZ NÃO  
ESTÁ EM QUARENTENA**

**EXIGIMOS O FIM DE TODAS  
AS FORMAS DE CRIMINALIZAÇÃO  
POLÍTICA.**



ARTICULACION  
**FEMINISTA**  
MARCOSUR

4